

A escuta da violência silenciosa: uma experiência psicanalítica na comunidade¹

Ana Maria Vieira Rosenzvaig², São Paulo

Eliane Saslavsky Muszkat³, São Paulo

Silvia Bracco⁴, São Paulo

Sonia Terepins⁴, São Paulo

O trabalho reflete sobre o fazer psicanalítico na cultura e na comunidade. Com base em uma experiência com grupos, realizada com uma ONG, localizada na periferia da cidade de São Paulo (Brasil), que atende uma população com alto grau de vulnerabilidade social, discutem-se aspectos da escuta e do método psicanalítico nas intervenções em clínica extensa⁵. O texto propõe pensar a escuta analítica em sua potencialidade transformadora ao oferecer um lugar privilegiado para a fala do sujeito, viabilizando ligações e pensamento, legitimando a condição de autonomia e singularização do sujeito na construção de sua história. Ao longo do artigo são trabalhadas ideias de Fabio Herrmann, René Kaës e Luis Cláudio Figueiredo para discutir aspectos fundamentais envolvidos na prática apresentada.

Palavras-chave: *Violência; Vulnerabilidade social; Grupos; Psicanálise; Clínica extensa*

¹ Trabalho apresentado no Congresso da FEPAL (Lima, 2017) e no Congresso da FEBRAPS (Belo Horizonte, 2018).

² Psicóloga, psicanalista. Doutoranda em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). Membro filiado ao Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

³ Psicóloga, psicanalista, membro filiado ao Instituto de Psicanálise da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

⁴ Psicóloga, psicanalista, membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

⁵ Termo cunhado por Fabio Herrmann para nomear uma clínica psicanalítica exercida fora do *setting* psicanalítico clássico.

Ana Maria Vieira Rosenzvaig et al.

Em *O mal-estar na civilização* (1930), Freud aponta duas finalidades primordiais da cultura: a proteção ao ser humano e a regulação dos vínculos. Essa não nos parece a tônica nos dias atuais. Nesses 88 anos que se passaram, tivemos mudanças extremas na cultura e novas demandas sociais, pelas quais somos convocados a um entendimento do que vem a ser o *mal-estar social*. As desvinculações parecem ocupar o cerne deste momento. Nesse sentido, uma leitura mais contemporânea substituiria o indivíduo pela comunidade e, no lugar de falarmos do *mal-estar da cultura*, poderíamos falar do *mal-estar social*. As problemáticas individuais passam a ter uma dimensão social importante.

Neste trabalho, entre todos os *mal-estares sociais*, escolhemos pensar a violência, a exclusão social.

Nessa direção, a atenção ao sofrimento psíquico em situações fora dos *settings* analíticos convencionais tem sido um dos eixos do trabalho da Diretoria de Atendimento à Comunidade da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP), que procura, por meio do debate e de ações em diferentes espaços, estabelecer novas formas de compreensão dos fenômenos que nos cercam, ampliando a relação da psicanálise com as questões do mundo, seus limites e, sobretudo, sua potência.

Essas experiências têm-nos propiciado ampliar o conhecimento das demandas e do alcance do trabalho do psicanalista. Isso nos convoca a refletir sobre o tipo de sofrimento que o mal-estar social gera, sobretudo pelos efeitos que a desigualdade e a exclusão produzem na subjetividade dos indivíduos. Entendemos que a especificidade da escuta e do método psicanalítico pode oferecer contorno, nomear experiências e tecer narrativas numa abertura para o singular.

As intervenções são desenvolvidas atualmente com equipes de psicanalistas da SBPSP e têm como objetivo geral oferecer espaços de escuta e reflexão, com intuito de identificar pontos de impasse ou dificuldades nos âmbitos do trabalho e/ou das relações interpessoais/institucionais.

A proposta comum às ações tem sido trabalhar com os agentes multiplicadores nas suas áreas de atuação, ampliando também a compreensão de questões da subjetividade da população assistida.

Recuperamos a ideia de *clínica extensa* desenvolvida por Fabio Herrmann, que contribuiu amplamente para esse debate; esse autor fala de um movimento em que se estende o método psicanalítico para o mundo, para qualquer produção humana, para situações que vão muito além dos domínios do consultório. A psicanálise proposta pela *teoria dos campos*⁶ (Herrmann, 2001) é concebida nas

⁶ Corpo teórico de reflexão psicanalítica inaugurado e desenvolvido por Fabio Herrmann.

diversas situações em que for possível a aplicação do método e se dá sempre que haja a possibilidade de um encontro humanizador.

Herrmann (2014) afirma que é a operatividade do método interpretativo da psicanálise, em seu potencial de *ruptura de campo* e desvelamento de novos sentidos, o que caracteriza o fazer psicanalítico e, assim, o que permite atuarmos numa *clínica extensa*. Entendemos o conceito de *ruptura de campo* como o efeito do desencontro de escutas, ou escutas em outro campo, que acaba construindo novas possibilidades de organização psíquica, ampliando a gama de autorrepresentação do paciente.

Ao compreender o método interpretativo (Herrmann, 2002) como invariante e a modalidade de intervenção técnica como conjuntural, a *teoria dos campos* nos ancora para pensarmos em diferentes enquadres para uma intervenção clínica que o método psicanalítico possibilita.

Nesse sentido, o psicanalista comprometido com seu entorno cultural e social, e que estende sua prática aos mais diversos contextos institucionais em que surge demanda, exerce, nas palavras de Herrmann, uma clínica psicanalítica “onde ela se faz necessária” (Camargo, 2004, p. 51).

O trabalho e a equipe do Serviço de Assistência Social à Família

Trabalhamos com uma equipe do Serviço de Assistência Social à Família (SASF), que funciona dentro de uma ONG⁷ localizada na região com o pior índice de desenvolvimento humano (IDH) da cidade de São Paulo. O objetivo dessa equipe do SASF é, por meio de visitas domiciliares, encaminhar oferta de benefícios públicos às famílias que vivem no dia a dia situações de isolamento social, miséria pelo desemprego prolongado, convivência com o tráfico, doenças graves, violência doméstica, abuso sexual, uso excessivo de álcool e drogas. São famílias expostas à falta de perspectiva, ao desamparo e tantas outras formas de violência que a ausência do poder público favorece.

A equipe do SASF é composta por uma psicóloga que coordena quatro técnicos de nível universitário e oito orientadores socioeducativos, em sua maioria, estudantes universitários. Estes são os que vão a campo, que é chamado por eles de *território* e, posteriormente, discutem os atendimentos e os respectivos relatórios com os técnicos. É a equipe de técnicos que articula as demandas dos assistidos com a rede dos serviços públicos disponíveis.

⁷ Escolhemos não nomear a instituição para garantir sigilo e evitar identificação dos participantes.

Ana Maria Vieira Rosenzvaig et al.

O trabalho e a equipe de psicanalistas

Nossa equipe é formada por quatro psicanalistas: duas atuam na sede da ONG, localizada a mais de 30 km do centro de São Paulo, trabalhando com os grupos de técnicos e orientadores, uma outra supervisiona a coordenadora da equipe da instituição e uma última participa das discussões sobre o trabalho realizado por todas nós.

A intervenção teve início com um pedido de ajuda por parte da direção da ONG e da psicóloga que coordena esse grupo: “A equipe está doente!”.

Um clima de desânimo e desesperança tomava conta de todos. Naquela ocasião, um episódio de tentativa de suicídio por um ex-orientador tinha abalado profundamente a equipe do SASF. Na mesma semana, uma outra orientadora havia escrito uma carta de despedida a um colega de trabalho e sumido por alguns dias. Apesar do susto da equipe, em nossa escuta entendemos esses acontecimentos como atuação e um pedido de ajuda, já que a situação felizmente não se concretizou. Observamos, nos pedidos de ajuda, a marca da violência na sua forma mais radical: uma tentativa de suicídio e uma carta de despedida. Desde então, aspectos violentos se apresentam nas diversas esferas do trabalho e nas relações da equipe.

A ideia inicial era que a violência estava entranhada nos chamados *territórios*. Carências de toda ordem estariam na base de relações violentas entre as pessoas assistidas pelo serviço. Os orientadores, na linha de frente, seriam os mais impactados. Isso se desfez nos primeiros minutos de nosso encontro inaugural com o grupo completo do SASF. A resposta que recebemos ao perguntarmos qual era a expectativa do grupo em relação ao nosso trabalho foi “nada”. Acusamos o golpe e, ao longo dos encontros, identificamos a presença de um tipo de violência sutil, que circulava naquele grupo e só encontrava expressão por meio de sintomas, atos. Uma fala emblemática abriu toda uma linha de investigação sobre a violência intragrupal: “Prefiro estar no território do que no SASF”. O que poderia acontecer lá dentro que seria ainda pior do que no entorno, cercado pelos áridos territórios?

Havia ali algo da ordem do traumático, um grupo paralisado, adoecido e sem possibilidade de nomear, simbolizar, transformar afetos e experiências marcadas pelo excesso em algo passível de ser comunicado. Nesse contexto, a psicanálise ainda aposta nas ferramentas deixadas por Freud: fazer falar o sujeito sobre aquilo que o faz sofrer.

Seguidamente, éramos recebidas com indiferença. Na chegada ao serviço, mal respondiam ao nosso bom-dia, ninguém se virava para nos olhar. Novamente, o encontro com uma violência sutil, de fazer o outro sentir-se inexistente, foi suportada por nós analistas e estabeleceu-se como tema de nossas reflexões. Nesse

ponto, ressaltamos a importância de realizarmos esse trabalho em equipe, pois só assim éramos capazes de metabolizar contratransferencialmente os *ataques* que nos eram dirigidos. As duas horas entre o ir e vir da instituição, o aquecimento na ida para o encontro com o grupo, a reflexão que se dava na volta do atendimento e, mais tarde, nos encontros de discussão com as colegas ofereciam espaço para pensarmos a especificidade do trabalho que ali se passava e, com isso, restaurávamos nossa capacidade analítica. Trabalhamos com o grupo e trabalhamos *em* grupo. Encontramos ressonância no conceito da intertransferência (Castanho, 2015) e na análise da intertransferência (AIT), de Kaës (1997), que possibilita a elaboração dos processos transferenciais e contratransferenciais múltiplos que se articulam num grupo e entre a equipe.

Decifrando os sinais

Um trabalho que vem acontecendo há quase dois anos tem muitos elementos a serem discutidos. Nosso objetivo aqui é fazer um recorte, sobretudo, apontando o movimento grupal e aquilo que pôde, aos poucos, ser metabolizado e transformado em palavra. Uma metáfora construída pelo grupo apontava a existência de uma *parede invisível* que atravessava o trabalho e impedia as trocas; a metáfora foi muito útil para simbolizar o clima de animosidade entre as categorias de técnicos e orientadores, aspecto insistentemente trabalhado nos encontros. Isso foi observado, por exemplo, na produção dos relatórios sobre as visitas domiciliares, que eram escritos manualmente pelos orientadores e corrigidos com canetas vermelhas pelos técnicos, reproduzindo uma relação quase escolar, e obrigando-os a refazer todo o trabalho. Entendemos que os lugares institucionais estavam em fase de construção, pois o serviço era novo e as práticas violentas de poder inicialmente davam certo contorno e reassentamento a alguns. Nossa intervenção possibilitou uma apropriação desses lugares e funções, e, assim, as práticas mudaram. Um efeito importante foi a mobilização de alguns orientadores, que resgataram e montaram computadores doados ao instituto e que estavam abandonados em um depósito. Com isso, criaram estações de trabalho, mudando radicalmente a condição concreta e subjetiva dessa função.

Foram muitas as situações em que nos sentíamos invisíveis, seja pelo modo como nos recebiam, seja quando alguns integrantes da equipe que se encontravam no local não participavam dos grupos, numa tentativa ostensiva de esvaziar nosso trabalho. Houve ocasiões em que foram marcadas outras atividades no horário dos grupos (que, vale dizer, sempre foi o mesmo desde nossa chegada na instituição), ou também quando não havia sala disponível para a realização dos grupos. Enfim,

Ana Maria Vieira Rosenzvaig et al.

o que escutávamos era um sentimento de desesperança que contaminava todos os espaços, dentro e fora do SASF, e era muito difícil se contrapor a isso.

Pensamos que essa tenha sido a marca fundamental do trabalho. De fato, o objeto permanecer vivo e pensante a despeito de tantos ataques é transformador. Resistimos, voltamos semanalmente, recebíamos quem estivesse disponível para os encontros e, a cada nova etapa do processo, propusemos outros formatos, visando trabalhar diferentes aspectos da dinâmica grupal. Trabalhamos inicialmente com o grupo todo, depois com subgrupos formados por um técnico e dois orientadores e, finalmente, com os grupos de técnicos e de orientadores separadamente.

O manejo da transferência em atendimentos dessa natureza exige que o analista suporte e sobreviva ao impacto transferencial. Figueiredo (2000), em seu artigo *Presença, implicação e reserva*, diz que a posição do analista é a sustentação de uma presença que seja ao mesmo tempo implicada e reservada. Ele usa o termo *presença reservada* para sugerir um modo de ser do analista que comporte a presença com um tanto de ausência, “oferecendo um espaço potencial no qual o paciente pode vir a ser” (p. 112). Mais adiante, define o que vem a ser reserva do analista: “ele deve, sim, ser objeto de investimento, mas ao mesmo tempo tem de evitar que suas funções psíquicas sejam destruídas. É necessário que o analista sobreviva numa presença implicada e em reserva” (p. 112).

Outro ponto essencial diz respeito ao enquadre. Sabemos que o enquadre analítico é o terreno que possibilita todas as formas de transferências e experiências emocionais em análise. Ele garante a sustentação e continência das experiências perturbadoras para que possam ser elaboradas. Ao longo do trabalho, a instalação do enquadre não se dava pela existência da sala de atendimento – chegamos a realizar o grupo debaixo de uma árvore ou em uma quina do muro cercando o terreno. O que sustentava o encontro era a oferta de uma escuta sensível e aberta por parte das analistas que ali estavam, disponíveis ao funcionamento do grupo. Foi o *setting interno* das analistas que garantiu a continuidade do trabalho.

Retomando as ideias de Herrmann (2001), a clínica extensa propõe uma clínica criativa, a recuperação do método psicanalítico, algo essencial para a psicanálise. “*O método é rigoroso e científico, no sentido mais elevado desse depreciado termo. A prática é flexível, artística. Seus recursos são infundáveis, as ocasiões e circunstâncias em que ocorre também*” (p. 199, grifos nossos).

A gestão da equipe

Outro elemento vital foi a supervisão da coordenadora da equipe, um processo de elaboração que se revelou essencialmente na construção da identidade

de A. como gestora. A. apresenta, ao longo das conversas, várias situações em que é benevolente, aceita atrasos etc. Ela tem clareza de que os orientadores que vão a campo e são impactados pelo encontro com as famílias, muitas vezes, também vivem em condições de vulnerabilidade, o que favorece a emergência de complexas questões identificatórias com a população atendida.

O que dizer para C.? Ontem ela veio chorando falar comigo. Ela tem um contato muito bom com as famílias, mas, antes de ser orientadora, chegou a se prostituir num momento de desespero para sustentar sua filha pequena. Semana passada, numa visita domiciliar, reencontrou um cliente e ficou muito abalada com a situação. Escutava o relato da família, tudo tão precário, assim como a sua própria situação pessoal.

Sei que deveria despedir a D., ela tem faltado demais e consegue atestados médicos falsos. Chega atrasada, seus relatórios estão atrasados, além de criar muitos atritos na equipe. Mas também sei que ela cuida sozinha da filha e depende da creche que fica aqui na ONG quando vem trabalhar, e não será fácil ela arrumar outro emprego. Tenho conversado semanalmente com ela, e nada muda. Cuido dela ou da instituição? Mas ela não é igual à população que atendemos?

Ao longo do trabalho, pôde-se dar conta do próprio temor de impor limites, como cortar benefícios da equipe pelo não cumprimento das regras. Como suportar não ser *gostada* pela equipe? O espaço de escuta produziu efeitos, e A. assumiu seu papel de gestora. No início do ano, propôs uma reestruturação das duplas de trabalho, privilegiando afinidades, interesses e potencialidades que identificava nos membros do grupo. Por exemplo, o atendimento a crianças, jovens ou idosos ficaria a cargo daqueles que trabalham melhor com cada população. As queixas pelas trocas compulsórias foram muitas e foram trabalhadas nos espaços oferecidos por nós. Lentamente, cederam e perceberam que os movimentos foram benéficos para quem era atendido e para a própria equipe, que encontrou maior interesse e prazer no trabalho.

Produzindo mudanças

Pequenos deslocamentos em posições antes enrijecidas promovem a circulação da palavra, produzem efeitos em camadas, seja na dinâmica grupal, no funcionamento institucional e, por fim, na subjetividade de cada um. Importante mudança na estrutura e organização do trabalho pôde ser estabelecida pela psicóloga gestora e foi efetivada pelo grupo, como a já citada composição das microequipes e as alterações e redistribuição dos *territórios*. Com o rodízio dos *territórios*, assim como das famílias visitadas, os relatórios ganham importância fundamental.

Ana Maria Vieira Rosenzvaig et al.

Antes, meros procedimentos burocráticos e desprestigiados, pareciam reproduzir a experiência de invisibilidade e esvaziamento vivida pelos orientadores e pelas famílias assistidas. Com o remanejamento da equipe, passam a ser o documento que guarda a história de cada família e do SASF, possibilitando um atendimento de melhor qualidade, garantindo a continuidade na relação de confiança entre os envolvidos no serviço. O relatório passa a ter valor e as famílias, nome, sobrenome e história.

A equipe vai se apropriando de seus lugares e funções e passa a receber novos integrantes de maneira mais acolhedora e inclusiva. A atmosfera dentro do grupo muda: tornam-se possíveis mais cuidado com o outro e maior flexibilidade no trabalho e nas relações interpessoais.

Uma terceira camada na qual identificamos o efeito do trabalho foi no campo pessoal, subjetivo: alguns membros da equipe apresentaram evidente mudança de comportamento e posicionamento diante do grupo. Ouvimos ainda relatos de grandes mudanças pessoais decorrentes da participação em nosso trabalho.

Falar em conclusão num processo ainda em andamento pode parecer prematuro. Um ponto emblemático ilustra, contudo, os efeitos desse processo.

A demanda que inicialmente era da psicóloga gestora e da direção da ONG passa a ser do grupo: recebemos um pedido dos técnicos para dar continuidade aos encontros. Em seguida, é o grupo de orientadores que formula o mesmo pedido. De um primeiro momento, quando fomos recepcionadas por um quase paralisante *nada*, até um pedido explícito do grupo por trabalho, decorreram quase dois anos. Esse foi o tempo para que uma demanda genuína fosse construída. Nossa existência parece ter-se constituído, e, com isso, o interesse por troca e construção de novos sentidos e descobertas sobre a instituição, o trabalho e sobre eles próprios passa a ter lugar e valor.

Durante todo o processo, acompanhamos situações em que pudemos compreender o que vem a ser a falta de matrizes simbólicas, que lança o sujeito em um mundo com poucas referências, que se expressam, muitas vezes, em comportamentos violentos ou apatia diante daquilo que não podemos nomear. Entender a violência é um desafio, é um padrão na comunicação muitas vezes banalizado. É interessante observar os deslocamentos possíveis, quando esse afeto passa a ter um caráter de *violência que se comunica*⁸, e, principalmente, quando isso é apoiado e suportado pelo outro, o ato deixa de ser apenas ato, é ato que comunica, ganha caráter simbólico e abre espaço para a palavra. Escutar o que escapa e pede representação gera trabalho de simbolização e pensamento. □

⁸ Noção desenvolvida por Gonçalves Filho em arguição realizada na defesa de tese de A. C. C. Camargo (2015).

Abstract

Listening to silent violence: a psychoanalytic experience within the community

This work aims at reflecting on psychoanalytic practice in culture and in the community. Based on an experience with groups at an NGO located in the outskirts of the city of São Paulo (Brazil) which assists a population with high degree of social vulnerability, the text will discuss aspects of the psychoanalytic method and listening in *extensive clinic* interventions. The article reflects on the analytical listening in its transformative potentiality by offering a privileged place for the subject's speech, enabling links and thought, thus legitimizing the subject's condition of autonomy and singularization in the construction of his/her history. Ideas from Fabio Herrmann, René Kaës and Luis Cláudio Figueiredo are presented along the article to discuss the fundamental aspects involved in the exposed practice.

Keywords: Violence; Social vulnerability; Groups; Psychoanalysis; Extensive clinic

Resumen

Escuchar la violencia silenciosa: una experiencia psicoanalítica en la comunidad

El presente trabajo reflexiona sobre el hacer psicoanalítico en la cultura y en la comunidad. A partir de una experiencia con grupos en una ONG ubicada en las afueras de la ciudad de São Paulo (Brasil) que atiende a una población con un alto grado de vulnerabilidad social, discutimos aspectos de la escucha y del método psicoanalítico en intervenciones en *clínica extensa*. El texto propone pensar la escucha analítica en su potencialidad transformadora al ofrecer un lugar privilegiado para el discurso del sujeto, permitiendo ligaciones y pensamiento, legitimando, así, la condición de autonomía y singularización del sujeto en la construcción de su historia. A lo largo del artículo, ideas de Fabio Herrmann, René Kaës y Luis Cláudio Figueiredo fueran trabajadas para discutir aspectos fundamentales involucrados en la práctica presentada.

Palabras clave: Violencia; Vulnerabilidad social; Grupos; Psicoanálisis; Clínica extensa

Referências

Camargo, A. C. C. (2004). Entrevista com Fábio Herrmann (dezembro de 2004). Clínica Extensa. *Dissertação de mestrado*, Departamento de Psicanálise, Pontifícia Universidade Católica

Ana Maria Vieira Rosenzvaig et al.

de São Paulo, São Paulo.

Camargo, A. C. C. (2015). *Ateliê Acaia e clínica extensa: uma perspectiva psicanalítica na construção de um projeto institucional*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Castanho, P. (2015). Sobre o conceito de intertransferência. *Jornal de Psicanálise*, 48(88), 111-120.

Figueiredo, L. C. (2000). Presença, implicação e reserva. In L. C. Figueiredo, & N. Coelho Junior, *Ética e técnica em psicanálise*. São Paulo: Escuta.

Freud, S. (1930[1929]). O mal-estar na civilização. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (J. Salomão, trad., Vol. 21, pp. 81-171). Rio de Janeiro: Imago.

Herrmann, F. (2001). *Introdução à teoria dos campos*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herrmann, F. (2002). *Andaimos do real: o método da psicanálise*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Herrmann, L. (2014). Intervenções em psicanálise – século XXI. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(2), 59-68.

Kaës, R. (1997). *O grupo e o sujeito do grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Recebido em 28/08/2019

Aceito em 30/10/2019

Revisão gramatical de **José Teixeira Neto**

Revisão técnica de **Cristiano Freitas Frank**

Ana Maria Vieira Rosenzvaig

Rua Batataes 460/21

01423-010 – São Paulo – SP – Brasil

amrosenzvaig@terra.com.br

Eliane Saslavsky Muszkat

Rua Evangelista Rodrigues 38

05463-000 – São Paulo – SP – Brasil

eliane@mcd.com.br

Silvia Bracco

Rua Joaquim Antunes 767/16

05415-001 – São Paulo – SP – Brasil

smb@bracco.com.br

Sonia Terepins

Rua Joaquim Antunes 767/135

05415-001 – São Paulo – SP – Brasil

soniaterepins@gmail.com

© Revista de Psicanálise – SPPA